

O xamanismo yanomami sob as lentes de Claudia Andujar

Adriana Amosso Dolci Leme Palma

Doutoranda em cotutela pelo Programa Interunidades em
Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo
(PGEHA USP) e pela Universidade de Münster.
E-mail: adrianapalma4@gmail.com

Recebido: 20 jan 2025

Aprovado: 12 mai 2025

Resumo: Este artigo analisa a série de fotografias *Sonhos Yanomami* (1971-2003), de Claudia Andujar, ao evidenciar interpretações realizadas pela artista de aspectos do xamanismo Yanomami. Tal estudo dialoga com preceitos relacionados à “virada ontológica”, reconhecendo a existência de uma ampla gama de tradições culturais e formas de conhecimento, para além das epistemologias ocidentais.

Palavras-chave: Fotografia. Xamanismo Yanomami. Claudia Andujar.

Abstract: This article analyzes Claudia Andujar's series of photographs *Sonhos Yanomami* (1971-2003), seeking to highlight the artist's interpretations of aspects of Yanomami shamanism. This study dialogues with precepts related to the “ontological turn”, recognizing the existence of a wide range of cultural traditions and forms of knowledge, beyond Western epistemologies.

Key-words: Photography. Yanomami Shamanism. Claudia Andujar.

Resumen: Este artículo analiza la serie de fotografías *Sonhos Yanomami* (1971-2003) de Claudia Andujar, buscando resaltar las interpretaciones que hace la artista sobre aspectos del chamanismo yanomami. Este estudio dialoga con preceptos relacionados con el “giro ontológico”, reconociendo la existencia de una amplia gama de tradiciones culturales y formas de conocimiento, además de epistemologías occidentales.

Palabras clave: Fotografía. Yanomami Shamanism. Claudia Andujar.

Introdução

A busca pela compreensão da existência humana e de outros seres e elementos não-humanos acompanha a história. Segundo autores vinculados à chamada virada ontológica (Viveiros de Castro, 2015), diferentes culturas percebem e categorizam seus entendimentos de realidade de formas distintas, que são denominadas de ontologias.

Os diversos modos de ser, conhecer e estar no mundo, bem como as variadas concepções cosmológicas, identitárias ou culturais deles decorrentes estão implicados nessas buscas humana e não-humana. As ontologias são, portanto, compostas de elementos intrínsecos ao ser humano, suas relações consigo próprio, e também com o âmbito externo a ele.

Nesse sentido, as várias cosmologias – que envolvem, entre outros, princípios científicos, religiosos ou míticos – podem constituir-se como intermediárias nessas tentativas de compreensão de tais existências, conhecimentos sobre a vida, o universo, suas origens e os princípios que o ordenam.

Os xamanismos, entendidos como sistemas socioculturais complexos e dinâmicos (Langdon, 1996, p.12), integram essa gama de reflexões e práticas envolvidas em cosmologias variadas. A arte também pode ser inserida nesse sistema de relações entre os seres humanos e suas questões existenciais, fornecendo ferramentas sensíveis para reflexões e percepções dessas existências de múltiplas maneiras, inclusive de formas inesperadas.

Neste artigo, o trabalho artístico da fotógrafa Claudia Andujar (Neuchâtel, 1931) é tomado como objeto de pesquisa por meio do qual busca-se evidenciar tentativas de compreensão de aspectos da cultura Yanomamiⁱ, em especial seu xamanismo, a partir de pensamentos e técnicas advindos da cultura ocidental eurocentrada. As obras da artista parecem contribuir para tornar inteligível para a sociedade pautada pela epistemologia eurocêntrica, as formas de existência Yanomami.

Assim, o presente estudo baseia-se na análise de algumas fotografias da série *Sonhos Yanomami*, produzida entre 1971 e 2003ⁱⁱ, enfatizando aspectos dos xamanismos que são fundamentais ao modo de vida dos Yanomami, bem como as percepções de Claudia Andujar sobre eles.

Discutindo definições de xamanismo

Foi no contexto dos estudos da Antropologia, disciplina nascida no continente europeu, que a palavra *saman* – originária dos povos tungues da Sibéria para denominar alguém que tem grande sabedoria, entra em transe e cura pessoas – foi tomada para denominar determinadas práticas realizadas em diversas partes do mundo, dando origem à palavra *xamã*.

Os termos *xamã* e *xamanismo* muitas vezes refletem uma abstração concebida a partir do ponto de vista ocidental para dar conta de compreender fenômenos e comportamentos advindos de culturas distintas daquelas centradas no modo de vida urbano, capitalista, industrializado, disseminado a partir da Europa ocidental e dos Estados Unidos. Conforme Jeremy Narby comenta:

O termo “xamanismo” foi inventado pelos antropólogos para classificar as práticas menos compreensíveis dos “primitivos” [...]

A partir do início do século XX, os antropólogos progressivamente ampliaram o uso desse termo siberiano e encontraram *xamãs* na Indonésia, em Uganda, no Polo Norte e na Amazônia.

[...] Por volta da metade do século XX, no entanto, os antropólogos começaram a não só perceber que os “primitivos” não existem como tal, mas também que os *xamãs* são menos loucos do que se pensava [...] Em 1949, num ensaio que foi um divisor de águas, Lévi-Strauss afirmou que o *xamã* [...] é uma espécie de psicoterapeuta – com a diferença que “o psicanalista escuta, enquanto o *xamã* fala” [...]

De 1960 a 1980, as autoridades mais reconhecidas da disciplina definiram o *xamã* sobretudo como um criador de ordem, alguém que domina o caos ou evita a desordem.

[...] A partir dos anos 1970, surgiu um novo discurso, apresentando o *xamã* não só como criador de ordem, mas também como um especialista em toda espécie de ofício: ao mesmo tempo ‘médico, farmacêutico, psicoterapeuta, sociólogo, filósofo, advogado, astrólogo e padre. Durante os anos 1980, por fim, alguns iconoclastas afirmaram que os *xamãs* são, antes de tudo, criadores de desordem!

Quem são os *xamãs*? (Narby, 2020, p. 18-19).

Os fenômenos inseridos no guarda-chuva conceitual intitulado por *xamanismo* são antigos e muito variados, ocorrendo em diversas partes do planeta. Hoje o termo é amplamente difundido, sendo utilizado por estudiosos e também por parte das comunidades indígenas. Outras nomenclaturas análogas são frequentemente utilizadas, a exemplo de “*pajé*” e “*pajelança*”, que são oriundas da língua tupi-guarani e bastante usadas em comunidades nativas do Brasil.

Na América do Sul, as práticas xamânicas se manifestam de diversas formas. Em alguns povos, o xamã ocupa uma posição central, enquanto em outros o xamanismo é praticado sem a necessidade de ter uma pessoa específica ocupando a posição de xamãⁱⁱⁱ. Há também comunidades onde todos os membros são considerados xamãs. Essas tradições estão presentes tanto na floresta quanto nos contextos urbanos. Além disso, certas plantas, chamadas de mestras, como o tabaco e a ayahuasca, podem ser instrumentos essenciais para o xamã ou, em algumas culturas, serem reconhecidas como o próprio xamã.

Viveiros de Castro (2002, p. 327), a partir de suas teorias sobre o perspectivismo ameríndio, caracteriza o xamanismo amazônico como a capacidade de certos indivíduos de atravessar limites corporais e adotar a perspectiva de seres não humanos. Nesse sentido, os xamãs atuam como mediadores entre diferentes subjetividades, desempenhando um papel diplomático nas relações interespecies dentro de uma arena cosmológica. O autor também estabelece um paralelo entre a figura do xamã e a do guerreiro, argumentando que ambos operam como intermediários de perspectivas: enquanto os guerreiros transitam entre identidades humanas, os xamãs conectam humanos e não humanos. Assim, Viveiros de Castro sugere que o xamanismo e a guerra são processos interligados, não por uma associação direta com a violência, mas por sua dimensão comunicativa, enfatizando que, na Amazônia, o xamanismo possui um caráter agonístico, assim como a guerra tem uma dimensão sobrenatural.

O xamã Davi Kopenawa (Kopenawa, Albert, 2015) defende que seu povo, Yanomami, apesar de ter modos de vida distintos dos ocidentais, conforme analisa Viveiros de Castro, possui uma longa história permeada pelo xamanismo e, portanto, também é detentor de uma cultura tão antiga e tão dinâmica quanto aquela ocidental. Kopenawa explica que há, por exemplo, uma variedade de entidades ancestrais:

A força do pó de yãkoana vem das árvores da floresta. Quando os olhos dos xamãs morrem sob seu efeito, descem para eles os espíritos da mata, que chamamos urihinari, os das águas que chamamos mǎu unari, bem como os dos ancestrais animais yarori. Por isso quem toma yãkoana pode de fato conhecer a floresta. Nossos antigos faziam dançar todos esses espíritos desde o primeiro tempo (Kopenawa, Albert, 2015 p. 455).

O pó de *yãkoana* consiste em um psicoativo produzido a partir de complexo processo realizado por xamãs Yanomami com a seiva da casca da árvore *Virola elongata*, ao qual podem ser associadas outras ervas (Limulja, 2022, p. 36). O pó é

usado por homens e meninos em práticas xamânicas e rituais Yanomami, e funciona como um alimento para os espíritos. Segundo Kopenawa, quando xamãs Yanomami sonham ou quando usam o pó *yãkoana*,

[...] os *xapiri* começam a descer em nossa direção. [...] Seus cantos misturados ressoam de repente na noite [...] E logo percebemos, na escuridão, seus inúmeros caminhos luminosos enredados se aproximando, cintilantes como o brilho da lua. Então começamos a responder a seus chamados e assim, o valor de sonho chega a nós. Nosso corpo permanece deitado na rede, mas nossa imagem e nosso sopro de vida voam com eles. [...] Voamos em sonho, para muito longe de nossa casa e de nossa terra, pelos caminhos de luz dos *xapiri*. (Kopenawa; Albert, 2015, p. 461-462)

Os *xapiri pë* (forma plural de *xapiri*), também chamados de espíritos auxiliares, são espécies de seres-imagens. Todo ser possui uma imagem, chamada de *utupë a*, que remonta ao tempo das origens de tudo, na cosmovisão Yanomami. Assim *xapiri pë* refere-se a imagens de entes dos tempos primordiais. Para Viveiros de Castro, *xapiri pë* referem-se a signos de algo amplo e complexo, que advêm da ordem do relacional e do experiencial. Andujar buscou compreender isso por meio de suas produções. Ao falar sobre sua participação em festas e rituais yanomami, Andujar (2005, p. 118) explica:

Fotografei dezenas de vezes esses eventos, inclusive a pedido deles. Sobre esse tema há um dado interessante, relativo às minhas intervenções de luz nas imagens dos Yanomami, ou seja, a maneira como interpretei seus transe, ou sonhos – após eles próprios terem me contado seus encontros com os espíritos da natureza. Eles não se importavam que eu registrasse o transe xamânico, já que é uma expressão essencial de sua cultura. Quando lhes mostrei as imagens resultantes, perceberam de imediato o propósito dos recursos visuais que adotei, enquanto o público em geral sempre se mostrava surpreso e indagava: “Como fez?”

A arte e a fotografia como ferramentas de contato

Andujar não separou sua arte de sua própria vida e da vida dos Yanomami, que, segundo ela, tornaram-se sua família. Claudia nasceu na Suíça e mudou-se para o Brasil após a perseguição nazista, que dizimou parte de sua família. Ela utilizava suas fotografias para se comunicar na época em que chegou às terras brasileiras, em meados da década de 1950. Em 1971, quando esteve pela primeira vez entre os Yanomami, ainda não falava a língua deles, o que aprenderia posteriormente. A fotografia também foi um meio de comunicação, reconhecimento e conexão com aquele novo contexto de

vida na floresta, criando uma espécie de tradução visual (Niemeyer, 2019) de suas interpretações daquela situação.

A série *Sonhos Yanomami* foi produzida no início dos anos 2000 a partir de fotografias feitas desde a década de 1970, resultado de trinta anos de trabalho e luta política junto aos Yanomami. Nesse período, Claudia atuou à frente da Comissão Pró-Yanomami, que conseguiu a demarcação dos territórios daquele povo em 1992, entre outros feitos em prol da defesa dos direitos e da cultura desse povo indígena que estava, e ainda está ameaçado pelo avanço da devastação ambiental e étnica levada para a Floresta Amazônica pela economia agrária e extrativista do país.

Andujar localiza a série *Sonhos Yanomami* em sua trajetória:

Considero a série ‘Sonhos’ um *turning point* em minha experiência com os Yanomami. As imagens que compõem a série revelam os rituais xamanísticos dos Yanomami, sua reunião com os espíritos. A partir de sua criação, eu comecei a conceber uma interpretação imagética acerca dos rituais, fato que me deu acesso à genealogia do povo, aglutinando aspectos da cultura e dissolvendo as fronteiras entre os seres humanos, seus deuses e a natureza, integrando todos em um fluxo contínuo^{iv}.

As cerca de vinte imagens fotográficas que compõem a série foram realizadas a partir de fotografias originalmente feitas em preto e branco, sobre as quais Andujar sobrepôs outras imagens fotográficas, também de sua autoria, e adicionou cores. Assim, o conjunto reúne experimentações fotográficas desenvolvidas ao longo de sua carreira para registrar diferentes momentos do cotidiano desse povo. Entre os recursos utilizados estão: iluminação à base de lamparinas, uso de lente grande-angular, aplicação de vaselina na lente da câmera, movimentos bruscos da câmera, uso da baixa velocidade de obturação e múltiplas exposições para sobrepor imagens em um mesmo quadro, entre outros.

A obra evidencia leituras de Andujar de partes da cosmovisão Yanomami e de momentos rituais, a partir de diálogos e trocas com os próprios Yanomami, conforme a artista comenta:

Mas, o que me dá uma certa satisfação é que quando eu mostro esse trabalho aos Yanomami eles percebem isso. Eles fazem o que faziam com os desenhos, ele vê essa imagem com toda essa invasão de luz e ele começa a contar a sua história. Um dia eu tinha esse trabalho *Sonhos* na Galeria Vermelho exposto e o Davi [Kopenawa] estava lá, estava em São Paulo e eu levei ele lá. Ele começou a falar, explicar o que eram aquelas fotos para mim, para quem estava lá. Eu estava lá, tinha umas pessoas da galeria e ele falou:

“agora eu vou explicar para vocês o que vocês estão vendo”. As pessoas ficaram com a boca aberta: “mas como? Quem tem que explicar isso é a Cláudia, como que você sabe”. “Ah, porque eu sei, eu sei mais do que ela.”. Ele não falou isso. Mas ele falou: “Eu sei o que é isso.”. Claro, não tenho dúvida, eu não sei tudo. De jeito nenhum. Eu tentei enxergar o que eu entendi (ANDUJAR apud MAUAD, 2012, p. 139).

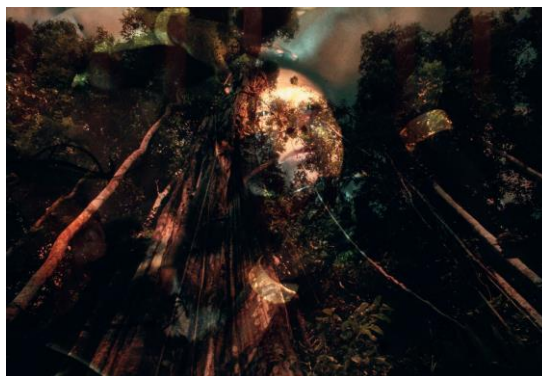
As práticas xamânicas Yanomami são momentos de encontros e negociações, entre os vários seres, as águas, os animais, os humanos e os elementos invisíveis e transcendentais. Os xamãs inalam o pó *yãkoana* e entram em contato com os espíritos da floresta, os *xapiripë*, que são brilhantes e dançam, conforme relatos de Davi Kopenawa (2015). Assim, Andujar contribuiu para uma interpretação visual que explicita as conformações relacionais da cosmovisão Yanomami apontadas por Viveiros de Castro e reunidas nas suas teorias sobre o perspectivismo ameríndio.

Andujar explica sobre a série de fotografias:

As superposições que eu chamo de sonhos, sonhos, são os sonhos dos xamãs. Eles chamam isso de sonhos, de viagens. Eles dão esse nome para isso, não as minhas fotos, o estado de ser deles. Isso acontece quando eles entram em contato com os espíritos. [...] Eu sempre faço questão de colocar a questão da luminosidade, porque faz parte das crenças deles [...] Eu diria, eu uso a tecnologia nossa, ocidental, isso sim. Mas tentando manipular as coisas com o que eu conheço da tecnologia ocidental. Mas entrando no universo deles. (ANDUJAR apud MAUAD, 2012, p. 139).

A fotografia a seguir (Figura 1) mostra, em posição centralizada, o rosto de uma pessoa Yanomami mesclado a árvores. A fotografia enquadra uma paisagem monumental vista de baixo para cima. Há contraste de tons terrosos mais claros – presentes no rosto, nos troncos das árvores e no céu – com tons escuros de verdes das várias folhagens.

Figura 1: Floresta amazônica, Pará – série *Sonhos Yanomami*



Fonte: Galeria Vermelho.

Na fotografia subsequente (figura 2), um animal aparece também ao centro fundido ao céu, que é composto de *dégradés* de tons azulados. Há intensos contrastes entre o conjunto do céu com o animal, nos quais predominam os tons azulados e lilases, e os troncos de árvores à frente, que formam uma floresta em cor preta homogênea.

Figura 2: Sem Título – série *Sonhos Yanomami*



Fonte: Galeria Vermelho.

Ambas as imagens – assim como a figura 3 em que um rosto humano se mescla a imagens de troncos, folhas e galhos de árvores – são interpretações de Andujar sobre uma possível representação de unidade entre os elementos vivos, sugerindo a não separação entre seres humanos e natureza.

Figura 3: Reahu em Toototobi – série *Sonhos Yanomami*



Fonte: Galeria Vermelho.

Em um excerto de texto de Davi Kopenawa, que trata do termo Yanomami *Urihi a*, há uma explicação que elucida nossas inferências em torno dessas interconexões entre os seres vivos:

O que vocês chamam de “natureza” na nossa língua é *urihi a*, a terra-floresta e também sua imagem vista pelos xamãs, *Urihinari a*. É porque essa imagem existe que as árvores estão vivas. O que chamamos de *Urihinari a* é o espírito da floresta: os espíritos das árvores *huutihiri pë*, das folhas *yaahanari pë* e dos cipós *thoothoxiri pë*. Esses espíritos são muito numerosos e brincam no chão da floresta. Nós os chamamos *urihi a*, “natureza”, assim como os espíritos dos animais *yarori pë* [...] O “valor da fertilidade” da floresta, que chamamos *në rope a*, é também para nós a “natureza”: ele foi criado como floresta, é sua “riqueza”. A floresta também possui um sopro vital, *wixia*, que é muito longo. O dos seres humanos é curto: vivemos e morremos depressa. Se não a desmatamos, a floresta não morre [...] Quando estamos doentes, em estado de fantasma, esse sopro também nos ajuda a nos curarmos. Então, o tomamos emprestado e ficamos bem (Kopenawa, Albert, 2023, p. 30).

Na figura 4 a seguir, aparece uma cena de caráter onírico com contraste entre tons azulados e cores mais escuras, próximas ao preto. A imagem fotográfica parece ter sido construída a partir de um ambiente interno, como uma oca. Há uma silhueta de uma figura humana em destaque à frente de um grupo de pessoas e rodeada por formas sinuosas mais iluminadas, sugerindo esse contexto de aproximação entre humanos e seres de outras esferas, como os *xapiri*.

Figura 4: Guerreiro de Toototobi - série *Sonhos Yanomami*



Fonte: Galeria Vermelho.

Considerações finais

A série *Sonhos Yanomami* evidencia leituras de Andujar de partes da cosmovisão Yanomami e de cerimônias tradicionais, a partir de conhecimentos que foram sendo aprofundados através de diálogos e trocas da artista com os Yanomami. Em meio aos refazimentos da artista no Brasil, na busca por sua própria identidade, a fotógrafa encontrou nos Yanomami uma família, o que se torna evidente nas várias trocas entre ela e o xamã Davi Kopenawa.

Andujar flerta com elementos da Antropologia, e relaciona-se com o que Seeger (1980, p. 15) afirma a seguir, ao estar disposta a aprender com os Yanomami e também lutar por eles:

O declínio da era colonial e o crescente questionamento dos princípios básicos de nossa sociedade levaram a interesses outros, bastante diferentes, nas sociedades não-europeias. A questão não é tanto avaliá-los em relação a nós mesmos, mas considerá-los e a nós mesmos como partes de uma grande variedade de soluções diferentes para problemas semelhantes. Outras sociedades têm outras maneiras de lidar com coisas que nos causam tanta ansiedade: relações no interior da família, crenças sobre o significado da vida, papéis sexuais, velhice, propriedade privada, poder político, desvio e muitos outros.

Obviamente que o contato entre Andujar e os Yanomami não ocorre sem ruídos e problemas, próprios desse âmbito das relações interculturais. Por exemplo, algumas traduções que resultam nas palavras presentes no título da obra de Andujar ou em explicações referentes à cultura Yanomami, como “sonhos” ou “espíritos”, evidenciam as limitações da língua portuguesa, que não possui vocabulário adequado para dar conta de determinadas palavras advindas de outras cosmovisões. Outras situações problemáticas, como aquela presente no relato de Andujar sobre a fala dos visitantes na exposição da Galeria Vermelho, que ouvem Davi explicar suas imagens fotográficas, e não creditam inicialmente sua autoridade para tal ato, desconsiderando seu papel fundamental de porta voz daquela cultura, enquanto xamã e liderança Yanomami.

Mas, apesar da complexidade desse encontro cultural, ele resultou em frutos positivos na luta pela sobrevivência do povo Yanomami, ao reunir as forças dos Yanomami, de Andujar, entre outras pessoas. Ações da Comissão Pró-Yanomami

deram origem não só à homologação do Território Yanomami, mas também a outras iniciativas posteriores.

A atual organização indígena Hutukara Associação Yanomami, presidida por Kopenawa, que promove ações políticas, de promoção de saúde, difusão cultural, é exemplo disso. As fotografias de Andujar vem sendo utilizadas, desde fins da década de 1970, na divulgação e sensibilização da causa desse povo que continua ameaçado pelo garimpo ilegal e pelo desmatamento até hoje. A organização política indígena por meio de associações e divulgações de suas cosmovisões e condições de vida mostra-se uma ação essencial na luta pelos direitos e territórios desses povos.

Referências

- ALBUQUERQUE DE MORAES, A. C. **Sonhos, de Claudia Andujar:** Experimentalismo e Cosmovisão Yanomami. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2023.
- ANDUJAR, C. (Org.). **A vulnerabilidade do ser.** São Paulo: Cosac Naify; Pinacoteca do Estado, 2005.
- CLAUDIA ANDUJAR:** Sonhos Yanomami / Yanomami Dreams (2002-2004). Folder de exposição. Galeria Vermelho. Arquivo digital concedido pela galeria.
- KOPENAWA, D. e ALBERT, B. **O espírito da floresta.** São Paulo: Cia das Letras, 2023.
- KOPENAWA, D. e ALBERT, B. **A queda do céu.** São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- LANGDON, E. J. M. (Org.). **Xamanismo no Brasil:** novas perspectivas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.
- MAUAD, A. M. Imagens possíveis: fotografia e memória em Claudia Andujar. Revista **Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, 2012, pp. 124-146.
- NARBY, J. **A serpente cósmica, o DNA e a origem do saber.** Dantes Editora, 2020.
- NIEMEYER, P. C. Claudia Andujar e a tradução xamânica. Revista de fotografia **Zum**, Instituto Moreira Salles, 16 out. 2019. Disponível em: <https://revistazum.com.br/radar/andujar-traducao-xamanica/>, acesso 15 abr. 2024.
- SÁEZ, Óscar Calavia. Xamanismo nas terras baixas: 1996-2016. **BIB** – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, n. 87, p. 15-40 2018.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas canibais:** elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem.** São Paulo: Cosac Naify, 2002.

-
- ⁱ Povo originário do extremo norte da floresta amazônica brasileira, ocupa território homologado em 1992 nos estados do Amazonas e Roraima.
- ⁱⁱ É difícil precisar as datas de determinadas obras de Claudia Andujar. A série *Sonhos Yanomami* possui três montagens distintas com datas variadas. Ao considerarmos o intervalo temporal, entre 1971 e 2003, para esta série, estamos de acordo com pesquisa realizada por Albuquerque de Moraes, 2023.
- ⁱⁱⁱ Sáez (2018, p. 18-19) esclarece sobre isso: “Até que ponto o xamã deve ser um sujeito particular, detentor de saberes esotéricos? A resposta é muito variável: processos de iniciação xamânica, incluindo o aprendizado de cantos ou técnicas específicas, podem ser marcados, árduos e longos (Chaumeil, 1998; LANGDON, 2014), mas também podem faltar ou – o que é mais interessante – podem conviver em paridade com experiências comuns, como a do sonho (Orobitg, 1998). A identidade do xamã nem sempre depende em primeiro lugar dessa capacitação: pode estar ligada ao exercício da chefia (Langdon, 2014), à condição de caçador (López, 2006) ou de homicida (Fausto, 2001). A aptidão xamânica não é exclusivamente humana, sequer caracteristicamente humana: alguns animais, como os queixadas, têm seus xamãs (Lima, 1996), e os cães podem ser transformados em xamãs (Kohn, 2013); deuses ou espíritos são xamãs e, como tais, operam sobre a vida humana (Alexiades, 1999; Barcelos Neto, 2008; Orobitg, 1998); os dardos do xamã são xamãs (Rodgers, 2002) [...]”.
- ^{iv} Parte de entrevista publicada na ocasião da exposição Identidade, Fondation Cartier, Paris (2005), retirada do folder de apresentação da exposição *Sonhos Yanomami*, da Galeria Vermelho, 2021.